



MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: SILÊNCIO, MEMÓRIA, SUJEITOS E SENTIDOS NO FILME *ESTRELAS ALÉM DO TEMPO* (2017)



BLACK WOMEN IN SCIENCE: SILENCE, MEMORY, SUBJECTS AND MEANINGS IN THE FILM *HIDDEN FIGURES* (2017)

Miriã Alexandre de PAULA
Centro Federal de Educação Tecnológica, Brasil

Camila da Silva GOMES
Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Altair dos Santos BERNARDO JÚNIOR
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 01/05/2023 • APROVADO EM 07/11/2023

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i3.879>

Resumo

O objetivo deste trabalho é o de analisar, por meio dos pressupostos teóricos da Análise de Discursos Materialista, o funcionamento discursivo do apagamento, do silenciamento e da

exclusão da mulher negra, em 1960, na NASA e na história que envolve os esforços empreendidos, inclusive por essas mulheres, para lançar o homem no espaço. Para isso, utilizaremos como *corpus*, algumas sequências discursivas e duas compilações de imagens do filme “Estrelas além do tempo” (2017), *Hidden Figures* (no original, em inglês). Por fim, nossa pesquisa busca fôlego no referencial teórico-metodológico da AD, lançando mão de conceitos como os de arquivo, silêncio e silenciamento, memória discursiva, formações discursivas, entre outros. Os resultados de nossa análise apontam que, embora as cientistas negras tenham desempenhado um papel imprescindível na história, houve silenciamento, seguido de um apagamento da presença dessas mulheres neste acontecimento. Contudo, a produção do livro e do filme, que contam a história a partir das mulheres negras, gera a possibilidade do surgimento de discursos outros, inscrevendo novas sequências que evidenciam a contribuição deste grupo no interior da memória discursiva.

Abstract

The aim of this paper is to analyze, through the theoretical assumptions of Materialist Discourse Analysis, the discursive operation of erasing, silencing and exclusion of black women, in 1960, in NASA and in the history surrounding the efforts undertaken, including the ones made by these women, to launch man into space. For this, we will use as corpus, some discursive sequences and two compilations of images from the movie *Hidden Figures* (2017). Finally, our research is sustained by the theoretical and methodological framework of AD, making use of concepts such as archive, silence and silencing, discursive memory, discursive formations, among others. The results of our analysis indicate that, although black women scientists have played an essential role in history, there was silencing, followed by the erasing of the presence of these women in this specific event. However, the production of the book and the film, which tell the story of black women, generates the possibility of the emergence of other discourses, inscribing new sequences that highlight the contribution of this group within the discursive memory.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Estrelas além do tempo. Mulheres negras. Silêncio e silenciamento. Racismo. Análise de Discurso Materialista

Keywords: Hidden Figures. Black women. Silence and silencing. Racism. Materialist Discourse Analysis.

Texto integral

Introdução

A Análise de Discurso Materialista (doravante, AD) teve início nos anos de 1960 com Michel Pêcheux (2014) e seu grupo. Embora tivesse formação no campo da filosofia, Pêcheux, ao elaborar a Análise de Discurso como proposta teórica na área de estudos da linguagem, estabeleceu pontes com a Psicanálise - Jacques Lacan e Sigmund Freud - e o Materialismo Histórico - Louis Althusser -. E, bem como afirmou Eni Orlandi, Pêcheux “propôs uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-

feito. Ele exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios” (ORLANDI, 2015, p.7).

É a partir dessa colocação empreendida por Orlandi (2015) no prefácio da obra “Discurso: estrutura ou acontecimento”, que podemos compreender o objetivo da Análise de Discurso como a proposta teórica que visa entender o funcionamento, isto é, a movimentação dos sentidos nas entrelinhas. Orlandi (2010, p. 10) considera que

Saber como os discursos funcionam é colocar-se encruzilhada de um duplo jogo da memória institucional que estabiliza, cristaliza e ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro.

A memória institucional é a memória do arquivo (ORLANDI, 2003), é aquela que deve ser lembrada, aplaudida e evidenciada (MOREIRA, 2009), ou seja, é a memória que deve sempre estar na ordem do dito, do visível e, se possível, do palpável. Já a memória estruturada pelo esquecimento é aquela que está na ordem do interdiscurso, esta pode ser dita, porém, é alvo do apagamento e do silenciamento promulgados por meio das relações de poder de um grupo sobre o outro.

Desse modo, ao refletirmos sobre as condições de produção das mulheres negras em 1960 nos Estados Unidos da América (EUA), as quais contribuíram de modo significativo com os cálculos físicos-matemáticos que possibilitaram a chegada do homem ao espaço, podemos observar as duas memórias funcionando em torno delas. Por muito tempo, falava-se a respeito dos homens, da grandiosidade da ciência norte-americana - memória institucional; e por muito tempo também, não se falava a respeito do papel empreendido pelas mulheres negras no período da Guerra Fria entre EUA e União Soviética, e, nesse caso, a memória foi estruturada pelo esquecimento.

Assim, foi por intermédio do trabalho da acadêmica independente Margot Lee Shetterly (2017) no livro *Hidden Figures* (Estrelas além do tempo, no Português) que o mundo teve conhecimento a respeito destas cientistas negras do campo das exatas. Neste artigo, pretendemos refletir, a partir da análise de algumas cenas recortadas do filme, o funcionamento do discurso, da memória e do silenciamento, tendo como base os estudos de Orlandi (2007) para tratarmos a respeito do silêncio.

É preciso considerar que a AD não é uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito, como citamos anteriormente. Por isso, a AD busca, por meio da articulação entre a exterioridade, a relação com a história, a ideologia e os sujeitos, promover gestos de interpretação diante de uma materialidade significante.

Por fim, o filme inspirado em fatos reais, narra a trajetória de três cientistas negras da NASA que atuaram nas pesquisas espaciais, em um momento em que a segregação racial nos Estados Unidos era acompanhada por uma ideologia imposta por grupos de pessoas etnicamente brancas. Tais grupos tinham privilégios sociais que, de maneira explícita e legitimada socialmente, exerciam poder sobre os negros. Na década de 1960, nos Estados Unidos, a mulher negra não era reconhecida como sujeito e muito menos como pesquisadora. Com a derrubada

das leis *Jim Crow*, que foram promulgadas para os estados do Sul e que legitimavam a segregação racial naquele país, os negros iniciam a luta para ocupar determinadas posições sociais e, mesmo alcançando lugares buscados por muitos, ainda reinava a ideologia “segregacionista”. Dessa forma, o filme narra a luta das cientistas negras que batalharam não apenas para estar dentro da NASA, mas, além disso, para serem respeitadas como cientistas matemáticas e terem seus saberes validados.

(Re) Contando e (re) montando a história

Margot Lee Shetterly (2017) é a acadêmica independente responsável por (re) contar e (re) construir a trajetória das três mulheres negras matemáticas da Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (ou NACA em inglês, National Advisory Committee for Aeronautics), antecessora da NASA (National Aeronautics and Space Administration) na década de 1960 no livro *Hidden Figures* (Figuras Ocultas), tradução nossa. Porém, em português, o livro é chamado de Estrelas Além do Tempo. A obra empreendida pela referida autora acarretou no filme, o qual remonta o contexto de 1960, período da Guerra Fria, em que os Estados Unidos e a União Soviética disputavam a “supremacia” na corrida espacial. Nesse mesmo momento histórico, os norte-americanos negros lutavam contra a segregação racial. O livro, por sua vez, retrata com mais riqueza de detalhes a biografia e o percurso trilhado pela comunidade negra para poderem chegar à Aeronáutica Nacional dos EUA.

No centro de operações espaciais da NASA também se refletia a segregação racial americana, pois tal local era dividido, sendo o lado oeste destinado ao trabalho das mulheres negras, e o leste dos homens e mulheres brancos. Assim, Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughan (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe), três amigas, intelectuais negras na área de exatas (matemática e engenharia), enfrentam o racismo estrutural legitimado pelas Leis *Jim Crow* em Langley, no estado da Virgínia, parte sul dos EUA. No que diz respeito às leis,

O termo “*Jim Crow*”, nascido de uma música popular, referia-se a toda lei (foram dezenas) que seguisse o princípio “separado, mas iguais”, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros. (FERNANDES; MORAIS, 2007, p. 145).

O princípio dos “separados, mas iguais” adentrou na NASA também, assim, como dito anteriormente, havia espaços para white people, pessoas brancas, e espaços para people of color, isto é, pessoas de cor, a fim de se referir às pessoas negras. Desse modo, os privilegiados socialmente eram os brancos, estes podiam estudar e ocupar os melhores cargos dentro da NASA, principalmente se fossem homens brancos. À época, a profissão mais comum e prestigiada dentro da comunidade negra era lecionar, portanto, Shetterly (2017, p. 36) aponta que:

Havia trabalhos para negros e havia bons trabalhos para negros. Separar a roupa suja, fazer a cama na casa dos brancos, cortar

tabaco: trabalhos para negros. Dono de barbearia ou funerária, trabalhar nos correios, carregadores de trens Pullman: bons trabalhos para negros. Professor, pastor, médico, advogado: muito bons trabalhos para negros, que traziam a estabilidade e a estima de uma educação formal. Mas o emprego no laboratório aeronáutico era algo novo, algo tão diferente que ainda nem tinha entrado em sonhos coletivos. Nem mesmo o sonho havia muito tempo adiado de equalizar os salários de professores pretos com o de professores brancos ganhava.

A partir disso, percebe-se como a segregação racial nos EUA promoveu desigualdades, exploração, em que os negros eram colocados numa posição inferior. Aliás, perpetuou-se a posição de inferioridade, pois, desde a escravidão, estes já eram inferiorizados, diferente dos brancos que ocupavam uma posição social, profissional e acadêmica superior. Não importava o quanto uma pessoa negra estudasse, ou quão capaz ela fosse, o fato de ser negro, que já é em si um discurso, efeitos de sentidos (PÊCHEUX, 2014) colocava esta pessoa numa posição inferior. Ser negro nestas circunstâncias era, ou porque não dizer que ainda é, infelizmente, o sujeito interdito por uma relação de poder extremamente racista instaurada não só na América do norte, com também América do sul e Europa.

A contratação de mulheres na NASA iniciou em 1943, quando Virgínia Tucker, matemática chefe em Langley, iniciara o processo de procurar universitárias com conhecimentos básicos em mecânica. Segundo Shetterly (2017, p. 25), ela procurou por “calouras que preenchessem as centenas de vagas abertas para as computadoradoras, auxiliares em ciências, modeladoras, assistentes de laboratórios e, sim, matemáticas”. Nesse contexto, haviam propagandas que convidavam mulheres a trabalharem na NASA, no entanto, nesse caso em específico, tais empreendimentos eram endereçados às mulheres brancas.

É nesse cenário que a chefe do sindicato negro, Asa Philip Randolph, exigiu do presidente Franklin Delano Roosevelt (o trigésimo segundo presidente dos EUA) que “abrisse vagas de trabalho lucrativas na guerra para os pretos. Caso ele não cumprisse, Randolph ameaçava que no verão de 1941 levariam 100 mil pretos para fazerem protesto na capital da nação” (SHETTERLY, 2017, p. 25). Segundo a autora, foi somente após dois anos que o departamento de recursos humanos passa a receber os currículos de pessoas negras. Shetterly (2017) afirma que, nesse contexto, os currículos já não precisavam ser acompanhados por fotos. O presidente Roosevelt extinguiu este requisito com o objetivo de erradicar a discriminação trabalhista. Com relação à qualificação das mulheres negras, Shetterly (2017, p. 26) argumenta que elas “provavelmente até possuíam mais experiência que as brancas, com muitos anos de magistério além dos cursos de Matemática e Ciências”.

Entretanto, mesmo com decreto que permitia a entrada das mulheres negras na NASA, elas não estavam livres da ideologia da segregação racial, baseadas no princípio das leis *Jim Crow* - separados, mas iguais. O chefe Melvin Butler presumiu que necessitaria de um “novo espaço” para este grupo de mulheres (negras) trabalharem, além de elas precisarem de alguém para chefiá-las, isto é, uma mulher branca. Shetterly (2007, p. 27) cirurgicamente afirma que o

“depósito, um espaço novo em folha do lado oeste do laboratório, em uma parte do campus que ainda não se assemelhava a um local de trabalho serviria”.

A história está se repetindo, pois quando se trata da população negra, a liberdade nunca é subsidiada. O país que explorou e que utilizou a mão de obra escrava, deu-lhes a “liberdade” na escrita de leis em arquivos. Contudo, na prática, a mesma porta que é aberta, ou melhor, arrombada – pois é preciso resistir e insistir até que ela se abra -, se fecha ao receber essas pessoas negras, interditando-as e rejeitando-as.

Portanto, na NASA, essas mulheres ocupavam o lado oeste, eram nomeadas de computadoradoras de cor e deviam se assentar juntas na parte de trás, onde havia uma notificação sinalizando os seus assentos

com suas letras pretas que nitidamente marcavam a hierarquia do refeitório: COMPUTADORAS DE COR. [...]As mulheres da Computação Oeste eram os únicos profissionais negros em laboratório: não exatamente excluídas, nem também muito incluída “[...] os cartazes eram um lembrete de que, mesmo dentro da meritocracia do Serviço Público dos Estados Unidos, mesmo depois do Decreto 8.802, alguns eram mais do que os outros” (SHETTERLY, 2017, p. 61-2).

Daí entende-se a importância de olhar de modo mais minucioso para além da produção fílmica e buscar na historicidade o funcionamento discursivo, isto é, os efeitos de sentido, tendo como base teórica a Análise de Discurso Materialista, que nos permite olhar o texto para além das palavras.

Memória e silêncios: sujeitos e sentidos

“Todo dizer se produz sobre um já-dito”.
Orlandi (2003, p.15)

O sujeito apenas pode dizer e atribuir sentidos àquilo que ele ouve, porque outro sujeito já disse antes dele, e é isso que o possibilita interpretar, isto é, significar. Significamos pela memória discursiva, ou seja, interdiscursiva, aquela que possibilita modos outros de significar. Orlandi (2003, p. 15) afirma que:

A memória, pensada discursivamente, refere ao saber discursivo, ao fato de que todo dizer se produz sobre um já-dito. Todo dizer é já gesto de interpretação, posição face à memória. Para significar, nossas palavras já fazem sentido, se produzem em uma memória significativa, para que possa ser interpretadas.

O discurso é um espaço de relações de poder, no qual Pêcheux (2014, p. 147) concebe as formações discursivas como “aquilo que pode e deve ser dito em determinadas conjunturas”. Assim, nem tudo está na ordem do dito, do audível. Alguns dizeres, saberes e memórias, estão na ordem do silêncio, da censura. Essas memórias são controladas pelas instituições de poder, que elegem o que pode e

deve ser dito em determinada conjuntura, e, além disso, elegem também quem pode dizer.

Desse modo, “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (...) pois, há direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (FOUCAULT, 1999, p. 9). Acerca das relações de poder, intrínsecas à ordem de produção do discurso, Foucault (1999, p. 10-11) elege os princípios de exclusão, separação e rejeição, sendo a loucura exemplificada pelo discurso sobre o louco, este:

é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade, nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.

O autor discute a respeito da invisibilidade por parte da sociedade considerada aos sujeitos considerados loucos. A palavra deles poderia até ser emitida, porém, era invalidada, isto é, excluída, separada e rejeitada. Se diz respeito à palavra, está dizendo a respeito do sujeito, ou seja, o sujeito como todo era silenciado. De modo semelhante, a marginalização do considerado louco nos remete às condições de produção da segregação racial nos EUA, em que pessoas brancas, privilegiadas, exerciam poder sobre pessoas negras, excluindo, separando e rejeitando-as, e mais, deslegitimando-as de seus saberes.

A memória também é lugar de silêncio, para Orlandi (2015, p. 53) “(...) a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos”. A memória feita por silenciamento, diz respeito à política do silêncio, esta se subdivide em silêncio local e silêncio constitutivo. O primeiro diz respeito à censura, quando o sujeito não pode sustentar o seu dizer. Segundo Orlandi (2007, p. 76), “a censura pode ser concebida como a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas.”. Já o segundo, se desenrola quando o sujeito diz “b” para não dizer “c”, obscurecendo o sentido daquilo que não foi dito. Quando há atribuição de nome a objetos ou pessoas, inevitavelmente, há o apagamento de outros sentidos possíveis, pois dizer e silêncios não são dissociáveis, uma vez que as palavras, simultaneamente, dizem e silenciam, isto é da ordem do funcionamento do silêncio na linguagem. A partir disso, entendemos que:

O silêncio não é a ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio (s). (...) O silêncio (...) não é o não-dito que sustenta o dizer mas é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído. (ORLANDI, 2007, p. 102)

O silêncio está na ordem da interdição, isto é, impedir o interlocutor de sustentar o seu próprio dizer, pois aquele que se encontra na posição de censurado, ao dizer, causa rupturas que são significativas com relação aos sentidos que foram construídos em torno de si. Assim, conforme diz a autora, o silêncio é aquilo que é apagado, colocado de lado e excluído. Percebe-se que a história sobre o lançamento do homem norte americano ao espaço não parou de ser narrada, no entanto, em condições dadas, fala-se para não dizer, assim, houve um evidenciamento (MOREIRA,2017). Isto é, por meio do discurso, evidencia-se uma parte a fim de naturalizá-la, silenciando a outra, colocando-a de lado. Nesse caso, o silenciamento se deu contra as mulheres negras que trabalharam na NASA e contribuíram de modo imensurável para que o homem fosse lançado ao espaço.

Análise de discurso: uma proposta teórico-metodológica

A AD, diante de determinado *corpus*, não visa tratar o sentido como único e verdadeiro, “(...) mas o real sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2010, p.59). Essa área do saber considera a ideologia, a historicidade, isto é, a exterioridade, os sentidos não estão necessariamente in (dentro), mas out (fora). Portanto, segundo Pêcheux (2010, p. 78):

[...] é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção.

Entendemos que todo discurso está relacionado a outro discurso; um discurso se filia a outro discurso. Quando propomos trabalhar com discurso, o feminista (isto é, de modo geral), por exemplo, precisamos levar em conta o discurso machista, pois um corresponde ao outro em condições de produção dadas.

Sendo assim, a AD não visa uma análise quantitativa de dados, mas objetiva realizar uma “exaustividade vertical”, esta, segundo Orlandi (2010, p.62), “trata de fatos da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva”. Orlandi (2010, p.63) ainda afirma que “a constituição do *corpus* e análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas”. Percebe-se, a partir disso, que a AD é uma proposta teórica metodológica que atribui ao analista de discurso uma autonomia a respeito “do que fazer” diante de determinado *corpus*.

O analista do discurso efetua gesto de interpretação diante de determinado *corpus*, ou seja, intervém no real dos sentidos (ORLANDI, 2017). Essa intervenção é realizada no momento da análise em que ele irá demonstrar o processo de identificação do sujeito com determinada formação discursiva (e ideológica) e sua memória. Assim, descreve o gesto de interpretação do sujeito analisado, seguido de um dispositivo teórico, a AD, na qual o analista desenvolve um trabalho de entremeio da descrição com a interpretação (ORLANDI, 2010).

Portanto, nessa pesquisa, parte do filme foi transcrita a fim de melhor efetuarmos a análise discursiva. Além disso, utilizamos a compilação de imagens,

pois esta pode ser tomada enquanto e como materialidade significativa (LAGAZZY, 2015). Passemos, então, para a análise de nosso *corpus*.

Análise

A seguir, veremos uma compilação de imagens que aponta para o segregacionismo vivenciado por Katherine Johnson (Taraji P. Henson). A escolha para o agrupamento das imagens se dá pelo fato destas evidenciarem a separação de objetos e espaços destinados às pessoas negras, mesmo quando ocupam o mesmo local físico que homens brancos.



Figura 1 – Compilado “separados, mas iguais”.

Fonte: Estrelas além do tempo (2017)

Acima, vemos Katherine Johnson no ambiente de trabalho, do lado leste, onde havia presença majoritária de homens brancos. Em sua condição de mulher e negra, o estigma sofrido neste espaço era duas vezes maior. É perceptível no modo como os homens olham para ela o questionamento, na ordem do silêncio, mas, visível e audível nas expressões – “o que você está fazendo aqui?” ou “o seu lugar não é aqui” ou “saia daqui, porque você não é uma de nós”. Shetterly (2017) afirma que a NASA, ao abrir espaço para as mulheres negras trabalharem, foi dividida em dois ambientes, sendo o lado Leste onde ficavam parte dos engenheiros e matemáticos, homens brancos e Computadoras (mulheres brancas) e o lado Oeste onde ficavam as Computadoras negras

Segundo Orlandi (2007, p. 76), “a censura pode ser concebida como a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas”. Nesse caso, as mulheres negras foram censuradas, pois, embora ocupassem, em alguma medida, o espaço científico, não eram bem-vindas nele. Elas não podiam utilizar o mesmo banheiro, os mesmos copos e eram reduzidas a “computadoras” ou

“calculadoras humanas. Os homens e mulheres brancas que ali estavam as enxergavam como inferiores. Na imagem acima, Katherine toma café no lado leste, onde ela encontra um bule simplório com a etiqueta colored. Temos assim, um exemplo tácito da sequência discursiva “separados, mas iguais”.

Isso nos faz retomar a interdição, a qual “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não se pode falar de qualquer coisa. (...) pois, há direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (FOUCAULT, 1999, p. 9). Nesse caso, o direito privilegiado e exclusivo de fala é unicamente do sujeito branco, este controla quem é que pode falar, quando e onde se pode entrar dentro na NASA. Com vistas nisso, por muitas vezes, Katherine, Dorothy e Mary foram impedidas de sustentar os seus discursos, pois a segregação racial dentro da NASA exerceu sobre elas a relação de poder denominada racismo.



Figura 2 – Diálogo entre Mary e Levi Johnson

Fonte: Estrelas além do tempo (2017)

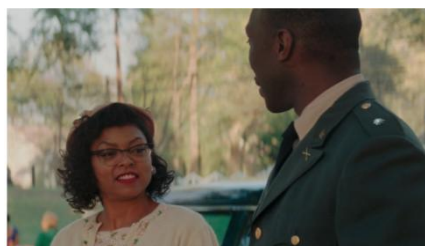


Figura 3 – Diálogo entre Katherine e Jim Johnson

Fonte: Estrelas além do tempo (2017)

Na primeira figura da compilação dois, observamos Mary Johnson discutindo com seu marido, Levi Johnson, a respeito de estudar para se tornar engenheira. Ele diz: “Eu não entendo, mas uma engenheira? Somos negros, meu amor, não existe isso, entenda...” Mary responde: “Lá não é assim, Levi.”. Ele então afirma: “Não pode pedir para ser livre, a liberdade nunca é dada aos oprimidos, tem que ser tomada”. Nesse momento, Mary o adverte dizendo: “Para com estas palavras de ordem pra cima de mim, há mais de uma maneira de alcançar alguma coisa”. Por fim, Levi encerra: “Só estou dizendo, para não fazer papel de boba, eu não quero que se machuque. A NASA nunca reconheceu vocês, ter algum diploma não vai mudar isso, Direito Civis nem sempre são Civis”.

Percebe-se, por meio deste diálogo, como a memória discursiva funciona. A colocação “somos negros” evoca vários discursos, pois, como Pêcheux (2010) bem

propôs, é necessário referir o discurso ao conjunto de discursos possíveis. A sequência discursiva “somos negros” remonta o discurso da escravidão, da supremacia branca (e todos seus seguimentos, KKK [Ku Klux Kan], *Jim Crow* e etc) que retoma a memória, os já ditos, pelas instituições da ordem do político e do jurídico. Assim, “somos negros” que é dito por Levi Johnson diz respeito à exclusão, à interdição e ao silenciamento, em que o sujeito pode até dizer, mas dificilmente seria ouvido, porque suas palavras são anuladas (FOUCAULT, 1999). Por isso, é possível postular que a NASA silenciou, isto é, excluiu, apagou e colocou de lado as personalidades negras que fizeram parte de sua história (ORLANDI, 2007).

Na segunda figura da compilação dois, o coronel Jim Johnson se aproxima de Katherine a fim de cortejá-la. Ele inicia perguntando o que implicava a função dela como computadora na NASA, ao que Katherine responde: “Fazemos cálculos matemáticos para possibilitar o lançamento e pouso no programa espacial”. Jim Johnson, em seguida, a indaga: “É algo bem empolgante. Deixam mulheres fazerem isso? Não foi isto que quis dizer...”. Katherine reitera: “Então, o que você quis dizer?” Jim: “Bom... Eu fico surpreso que algo tão difícil...”. Katherine o interrompe: “Senhor Johnson, se eu fosse o senhor, pararia de falar agora!”. Ele, então, pede desculpas e, mesmo assim, Katherine continua a fala: “Eu devo informá-lo de que fui a primeira aluna negra graduada na Universidade da West Virginia, seja o dia que for, analiso o nível do manômetro para deslocamento de fricção e velocidade e computo mais de dez mil cálculos usando cosseno, raiz quadrada e, recentemente, geometria analítica, manualmente. Há vinte negras inteligentes e capazes no grupo de Computação Oeste e temos orgulho disso, de fazer a nossa parte pelo país. Então sim! Eles deixam as mulheres trabalharem e fazerem as suas coisas na NASA, Sr. Johnson, não é porque usamos saias, é porque usamos óculos, tenha um bom dia!”.

O posicionamento de Katherine com relação à indagação do coronel Jim Johnson, aponta para um diálogo com a memória do pensamento do feminismo negro, pois, ela não fala apenas de si, mas de um coletivo de mulheres, defendendo o lugar das mulheres negras na ciência - não é porque usamos saias, é porque usamos óculos. Nessa colocação, Katherine assume o posicionamento de que elas eram tão intelectuais quanto os homens. Os léxicos ‘saias’ e ‘óculos’ estão na ordem do silêncio constitutivo, quando o sujeito diz “b” para não dizer “c”, a fim de colocar de lado o sentido daquilo que foi dito (ORLANDI, 2007). Assim, ela substitui mulher por saias, e intelectual por óculos. Além disso, a colocação dela no discurso político e patriota - e temos orgulho disso, de fazer a nossa parte pelo país, remonta toda uma memória discursiva, isto é, um já-dito do orgulho de ser americano.

Reflexões finais

Neste artigo, procuramos, com base nos pressupostos teóricos da AD Materialista, à luz das noções de memória, silêncio e silenciamento (ORLANDI, 2007), analisar o funcionamento do apagamento, silenciamento e exclusão da mulher negra em 1960 na NASA e na história, por meio do filme “Estrelas além do tempo” (2017).

Por meio da pesquisa, verificamos que o apagamento também foi histórico por um tempo significativo. A memória em torno dessas mulheres foi apagada e

silenciada até o ano de 2017. Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson não seriam conhecidas se não fosse o trabalho de Margot Lee Shetterly (2017), que remontou as histórias dessas brilhantes acadêmicas.

Entendemos que quando há silenciamento, não há possibilidades outras de significar. A memória institucional, arquivo, atribui um efeito de fechamento (ORLANDI, 2003) no que diz respeito aos sentidos. Assim, quando o sujeito busca na história os feitos humanos na ordem do arquivo, memória institucional, ele apenas encontra um sentido fechado que, no caso, era “NASA, lança homem ao espaço”. No entanto, quando Shetterly (2017) reconta a história dessas mulheres, ela não apenas permite um ecoar de vozes, mas as inscrevem na história, memória discursiva, permitindo que outros sentidos circulem. Por fim, acordamos com Collins (2019, p. 32) que “suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes”.

Referências

ESTRELAS além do tempo. Direção: Theodore Melfi. Produção: Peter Chernin, Pharrell Williams, Kimberly Quinn, Margot Le. [S.l.]: Fox Film Brasil, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento*; tradução Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*, Trad. Laura F. Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyla, 1999.

LAGAZZI, Suzy. *Linha de passe: a materialidade significativa em análise*. Rua, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 173-182, 2015. DOI: 10.20396/rua.v16i2.8638825.

MOREIRA, Carla Barbosa. *Produção, circulação e funcionamento da censura na ditadura militar brasileira e no fascismo italiano: a censura na ordem do discurso*. Tese apresentada a Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. – 6ª ed. – Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp. 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é linguística?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2010

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6. ed. Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.

PÊCHEUX, Michel; *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas; São Paulo: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel; DAVALLON, Jean; ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O papel da memória*. Campinas; São Paulo: Pontes Editores, 2015.

Para citar este artigo

PAULA, Miriã Alexandre de; GOMES, Camila da Silva; BERNARDO JÚNIOR, Altair dos Santos. Mulheres negras na ciência: silêncio, memória, sujeitos e sentidos no filme *Estrelas além do tempo* (2017). *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 3, p. 203-216, set.-dez. 2023.

Autoria

Miriã Alexandre de Paula é mestre em Estudos da Linguagem no Centro Federal de Educação Tecnológico de Minas Gerais (Campus I), na linha II de pesquisa "Discurso, Mídia e Tecnologia". Graduada em Letras Português/Inglês e suas Literaturas (2019), licenciatura plena pela Universidade Federal de Lavras, ex-aluna especial no Programa de Pós Graduação de Letras e Filosofia (2019) da mesma universidade. Membro do Núcleo de Estudos em Análise do Discurso (NEADi) (UFLA). Foi professora (voluntária) no curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAC) para apátridas na mesma instituição a qual cursa a finalização do mestrado. E-mail: miriaalexandre123@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3432-448X>.

Camila da Silva Gomes é doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ, onde desenvolveu uma pesquisa que analisou os efeitos de sentido do discurso lesbofóbico no interior da família. Graduada no curso de Letras Português/Inglês presencial pela Universidade Federal de Lavras (2019). Desenvolve pesquisa junto ao Nead/UFLA (Núcleo de Estudos em Análise do Discurso- AD) abordando a Análise do Discurso Materialista e tem como interesse as questões de gênero e sexualidade. Foi professora de Português para estrangeiros no Núcleo de Línguas (NUCLi) da UFLA. Trabalhou como professora substituta de Língua Portuguesa no IFMG - Ouro Preto. E-mail: milagomesletras@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5911-8829>.

Altair dos Santos Bernardo Júnior é mestrando em Estudos Linguísticos, linha de pesquisa Análise do Discurso, pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Graduado em Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas, pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. Membro do grupo de pesquisa do CNPQ Letramentos, gêneros e ensino - LEGEN. Participou, na graduação, de diversos projetos de extensão, como o PIBID, trabalhando principalmente com ensino e aprendizagem de Inglês como língua adicional e com a abordagem Content and Language Integrated Learning. Foi monitor da disciplina Fundamentos da Linguística. Atualmente, desenvolve pesquisas com teorias de base Linguística Sistêmico-Funcional. Possui interesse na área de Linguística Aplicada, atuando, sobretudo,

nos seguintes temas: Análise do Discurso, ensino e aprendizagem de língua inglesa e Letramentos. E-mail: bernardo.94@outlook.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2866-9438>.